

1 - FONTES DE PESQUISA

Neste capítulo serão apresentadas as fontes de pesquisa que foram utilizadas ao longo deste trabalho. Considerando que estas abrangem um grande período, a apresentação se dará de forma cronológica.

Para o levantamento do material bibliográfico disponível para a pesquisa, foram utilizadas, principalmente, as obras contidas em: Loukotka (1939), Tovar (1961), Baldus (1954 e 1968), Hartmann (1984), Boggiani (1975), Nimuendaju (1987), e Susnik (1992).

Para o século XVI, as fontes são escassas, mas com dados etnográficos relevantes sobre os Mbayá-Guaicurú. Primeiro, tem-se os relatos dos exploradores Alejo Garcia (apud Chaves, 1968) e Juan de Ayolas (apud Chaves, 1968), que navegaram o rio Paraguai nos idos de 1520 e 1537, respectivamente. Segue-se a obra *Viaje al Río de la Plata (1534-1554)*, de Ulrich Schmidel (1903, 1962), na qual o autor relata sua

experiência como soldado nas expedições de Ayolas (1536-37) e Cabeza de Vaca (1542-44). Outra fonte desse período é a obra *Comentários*, de Alvar Nuñez Cabeza de Vaca (1962, 1984 e 1987), escrita pelo secretário Pero Hernández, publicada em 1555, que descreveu as expedições que Cabeza de Vaca empreendeu como governador da Província do Paraguai.

As fontes para o período da primeira tentativa de redução dos Guaicurú são, principalmente, as *Cartas Anuas de la Provincia del Paraguay, Chile y Tucumán de la Compañía de Jesús*, redigidas pelos provinciais Diego de Torres (1927), no tomo I referente ao período de 1609 a 1614; e Pedro de Oñate (1929), no tomo II, referente ao período de 1615 a 1637. Ambas foram publicadas em *Documentos para la Historia Argentina*, tomos XIX e XX respectivamente.

As demais fontes primárias para o século XVII resumem-se na seguinte bibliografia: a *Carta do Governador do Rio da Prata Hernandárias de Saavedra ao Rei em 1616*, de caráter administrativo; a *Carta de Diego de Gongora sobre os índios Guaicurú e Payaguá* dirigida ao rei em 1622, e publicada por Blas de Garay (1899) em *Colección de Documentos relativos a la historia de América y particularmente a la historia del Paraguay*, tomo I; o *Compendio y Descripción de las Indias Occidentales* de 1628 do padre capuchinho Antonio Vásquez de Espinosa (1948), publicado em *Smithsonian Miscellaneous Collections* volume 108; e a *Historia de la Provincia del Paraguay de la Compañía de Jesús*, vasta obra em oito tomos do jesuíta Nicolás del Techo (1897), que esteve no Paraguai em meados do século, editada em 1673. Desta obra, destacam-se principalmente os tomos II e III em informações sobre o grupo em questão. Tem-se ainda os *Anales del Descubrimiento, Población y Conquista del Río de la Plata*, de Ruy Díaz de Guzmán (1980), escrita no início do século XVII; e *Historia de la Compañía de Jesús en la Provincia del Paraguay*, do Padre Pablo de Pastells (1912),

que reúne em cinco tomos extratos e transcrições de documentos do *Archivo General de Indias* a respeito da atuação da Companhia de Jesus no Paraguai. Destacam-se no tomo I, principalmente o segundo (1607-1626) e o terceiro períodos (1626-1638).

Para o século XVIII, entre as fontes etno-históricas, são relevantes as obras de cunho religioso, de exaltação da atividade da Companhia de Jesus, constituindo-se um rico material de observações etnográficas, destacando-se as seguintes obras:

A ampla *Descripción Chorográfica del Gran Chaco Gualamba* (1733), do jesuíta Pedro Lozano, editada em Córdoba em 1733. “Será siempre, a pesar de sus numerosas deficiencias y su unilateralidad una fuente principal para el conocimiento de la antigua ubicación de los pueblos en esta zona” (Kersten, 1968, p. 9). Lozano viveu no Paraguai a primeira metade do século e escreveu outros trabalhos de caráter histórico e teológico, destacando-se a *Historia de la Conquista del Paraguay, Rio de la Plata y Tucuman*, em cinco tomos.

Pedro Francisco Javier de Charlevoix (1710, 1712 e 1713) foi o jesuíta que escreveu uma vasta obra intitulada *Historia del Paraguay*, em seis tomos, em 1757. Trata-se de uma crônica dedicada à justificação do trabalho jesuítico num período em que a Companhia de Jesus já estava em decadência. Kersten (1968, p. 10) ressalta que Charlevoix nunca esteve na América do Sul e sua obra, ainda que um pouco tendenciosa, deve ser considerada correta em suas partes etnográficas. Destacam-se especialmente os volumes I, II e III.

Pablo Muriel (1918) deu seqüência à obra de Charlevoix, publicando *Historia del Paraguay, desde 1747 hasta 1767*, abrangendo neste período os últimos 20 anos de atividades missionárias da Companhia de Jesus no Paraguai.

Martin Dobrizhoffer (1967, 1968 e 1970), jesuíta alemão que esteve em contato com os indígenas em meados do século XVIII, autor de *Historia de los Abipones*, composta de três volumes, foi responsável pela redução dos Abipon e descreve em várias passagens a Redução de Belém e os aspectos culturais dos Mbayá-Guaicurú, os quais muitas vezes são comparados aos eqüestres Abipon.

José Jolís (1972), missionário autor de *Ensayo sobre la Historia Natural del Gran Chaco*, percorreu o Chaco na segunda metade do século XVIII e descreveu as nações indígenas do Chaco no ano de 1767.

A obra do jesuíta José Sánchez Labrador (1910), *El Paraguay Católico*, em dois volumes, é a fonte mais completa para o estudos dos Mbayá-Guaicurú, considerada uma das melhores monografias etnográficas do século XVIII. Sua grande relevância está no relato de suas experiências como missionário e fundador da Redução de Belém, onde ele conviveu com o grupo de 1760 até a expulsão da Companhia de Jesus, em 1767. A obra contém minuciosas e ricas informações sobre os costumes e a cultura dos Eyiguayegui, além de descrições das viagens que realizou da Redução de Belém até as Missões dos Chiquito e do povoado de Sagrado Coração de Jesus até Belém em 1767, a Notícia das Missões dos índios Chiquito e o Diário de viagem a Assunção.

Tem-se ainda o Padre José Quiroga (apud Muriel, 1918), que descreve rapidamente a localização dos Mbayá no *Compendio del viaje Paraguay arriba hasta el Jaurú ...*, escrita em 1753.

Além das obras de jesuítas, destacam-se, no fim do século XVIII, as observações dos viajantes e exploradores. Neste caso, ressaltam-se as obras de Félix Azara e Juan Francisco Aguirre. Azara, que foi comissário e comandante na demarcação dos limites espanhóis no Paraguai de 1781 a 1801, é autor de *Viajes por la América Meridional*

(1969); *Geografía Física y esférica de las Provincias del Paraguay, Misiones Guaraníes* (1904), composta em 1790; e *Descripción e Historia del Paraguay y del Río de la Plata* (1943 e 1962), com primeira edição em 1847. Aguirre (1898), que escreveu seu diário como capitão da Fragata da Real Armada da Espanha, também participou da demarcação dos limites entre Espanha e Portugal em 1793. Mencionam-se ainda, a *Relación Geográfica y Histórica del Territorio de las Misiones*, de Diego de Alvear, de 1804, e publicada por Pedro de Angelis (1970) em *Colección de Obras y Documentos Relativos a la Historia Antigua y Moderna de la Provincia del Río de la Plata*, tomo quinto. Alvear foi general da real Armada e trabalhou na segunda partida demarcadora de limites com Portugal, entre 1783 e 1801.

Para a bibliografia portuguesa do século XVIII destacam-se: *História dos Índios Cavalleiros ou da Nação Guaycurú*, de Francisco Rodrigues Prado (1856), que foi comandante do Real Presidio de Coimbra, em 1795; e a obra do naturalista Alexandre Rodrigues Ferreira (1974) *Viagem Filosófica pelas capitânicas do Grão Pará, Rio Negro, Mato Grosso e Cuiabá*. Agregam-se ainda as obras do engenheiro português Ricardo Franco de Almeida Serra (1865), que escreveu *Extracto da descrição geographica da provincia de Mato Grosso feita em 1797*; e de João Antonio Cabral Camello (1863), que realizou uma viagem às minas de Cuiabá no ano de 1727, trabalhos que foram publicados na *Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro*.

E, por fim, mencionam-se as demais bibliografias de menor importância, as quais, em sua grande parte, contêm apenas um parágrafo a respeito dos Mbayá-Guaicurú, que, em síntese, informam sua localização, os ataques e assaltos praticados por eles, o uso constante do cavalo, o que lhes confere o nome de índios cavaleiros, entre outras coisas. São as seguintes: Antonio Pires de Campos (1862 [1723]), Antonio Rolim (1866 [1751]), Marcelino Rodrigues Camponez (1865 [1776]), Francisco de Oliveira Barboza

(1885 [1792]), todas publicadas na *Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro*.

Para o século XIX, a bibliografia também é muito vasta, destacando-se especialmente as seguintes obras:

O militar Ricardo Franco de Almeida Serra (1866 e 1872) escreveu por volta de 1803 o *Parecer sobre o aldeamento dos indios uaicurús e guanás ...*, onde traz uma série de informações etnográficas sobre os Mbayá-Guaicurú.

O padre Manuel Aires de Casal (1976), autor de *Corografia Brasilica ou Relação Histórico-Geográfica do Reino do Brasil*, publicada em 1817, trata por aspectos da cultura dos Guaicurú e Payaguá, as duas principais nações indígenas da província do Mato Grosso.

Carl Friedr. von Martius publicou, em 1863, uma relação de palavras em dialeto Guaicurú em *Glossarios de diversas lingoas e dialectos, que fallao os indios no Imperio do Brazil*.

Os Caduveo, de Guido Boggiani (1975), é a obra de maior relevância e informação para o fim do século XIX, resultante da viagem que o autor fez em 1892, permanecendo entre os Kadiwéu cerca de três meses. Sua segunda expedição realizada aos Kadiwéu em 1897 (1929), é outro relato de grande importância. Boggiani foi comerciante italiano e pintor, empreendeu várias expedições à região, tornando-se um grande etnógrafo dos grupos indígenas que ali habitavam. São de sua autoria também: *Etnografía del Alto Paraguay* (1898), *Cartografía lingüística del Chaco por el Dr. Daniel Brinton* (1899) e *Compendio de Etnografía Paraguaya Moderna* (1900).

Entre os relatos de viajantes e naturalistas do século XIX, ressaltam-se, principalmente, as obras: *Viagens ao Interior do Brasil*, do inglês John Mawe (1798), que percorreu o Brasil entre 1807 e 1811 e escreveu, em um capítulo, a descrição geográfica da Capitania de Mato Grosso; *Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil*, de Jean Baptiste Debret (1795), que viveu no Brasil entre 1816 e 1831 e ilustrou em três estampas os Guaicurú e o uso do cavalo; *Viagem Fluvial do Tietê ao Amazonas*, de Hércules Florence (1848), em dois tomos, relatando a viagem realizada de 1825 a 1829; *Viaje a la America Meridional*, de Alcides D'Orbigny (1845), que descreve sua viagem pelo Brasil, Uruguai, Argentina, Chile, Bolívia e Peru, empreendida entre 1826 e 1833, com rápidas informações etnográficas de interesse; *Expedição às regiões centrais da América do Sul*, em dois volumes, de Francis Castelnau (1849), referente ao período de 1850-1858, quando realizou expedições à região do Mato Grosso; *Viaje Pintoresco por los Rios Paraná, San Lorenzo, Cuyabá ...*, de Bartolomé Bossi, publicado em Paris em 1863; *Viagem ao redor do Brasil*, de João Severino da Fonseca, de 1880, que traz notícias sobre os Mbayá de Mato Grosso; e *Do Rio de Janeiro a Cuyabá*, do naturalista Herbert Smith (1922), de 1886, com informações sobre a fabricação da cerâmica entre os Kadiwéu.

Outra obra de grande relevância para o estudo dos Kadiwéu é *A vida dos índios Guaycurús*, que é resultado dos quinze dias que o francês Emilio Rivasseau (1936) esteve em suas aldeias, datada entre o fim do século XIX e o início deste século, período em que esteve no Brasil.

Entre as fontes etno-históricas de menor relevância, relacionamos as seguintes: Luiz D'Alincourt (1862 [1825]), João Henrique Elliott (1870 [1844-47]), Augusto Leverger (1862 [1847]), Henrique de Beurepaire Rohan (1869 [1846]), Ricardo José Gomes Jardim (1869 [1846]), José Vieira Couto de Magalhães (1975 [1876]), e Karl von den Steinen (1940 [1894]). Todas possuem, geralmente, rápidas passagens com poucas

informações sobre os Mbayá-Guaicurú, mencionando muitas vezes sua localização e características gerais.

Menciona-se, ainda, a bibliografia de cunho secundário, que se utiliza de fontes primárias ou retoma trabalhos anteriores: Alfredo M. du Graty (1862), Alejandro Audibert (1862), Élisée Reclus (1900 [1893]), Francisco Raphael de Mello Rego (1906 [1894]) e Carlos de Araujo Moreira Neto (1971). Este em sua tese de doutorado analisa a política indigenista brasileira no século XIX, explicitando as relações conflitantes entre índios e brancos na Província de Mato Grosso, as medidas adotadas pela província para diminuir os ataques indígenas e sua incorporação à sociedade nacional.

Entre as bibliografias do século XX destacam-se principalmente:

Theodor Koch-Grünberg (1902) esteve em fevereiro de 1899 em Corumbá, quando entrou em contato com os Kadiwéu. Em seu artigo *Die Guaikústämme*, o autor retoma trabalhos anteriores sobre a história e a cultura dos Mbayá-Guaicurú, especialmente os Kadiwéu.

Ludwig Kersten (1968) publicou sua tese de doutorado em 1905, versando sobre as tribos indígenas do Chaco até fins do século XVIII. Sua obra traz uma contribuição para o estudo do Chaco, fazendo uma apresentação das obras conhecidas e uma análise do problema da nomenclatura antiga e da formação da atual.

H. H. Manizer (1934), que durante sua viagem ao Brasil, entre 1914 e 1915, esteve dois meses entre os Kadiwéu. Em seu artigo estuda a música vocal e instrumental desses índios e suas danças, fazendo referências aos instrumentos utilizados.

Claude Lévi-Strauss (1973), em *Tristes Trópicos*, dedica um capítulo do livro aos Kadiwéu, trabalho este referente à sua estada com eles em 1936.

Wanda Hanke (1942), em *Cadivéns y Terenos*, escreve sobre a situação dos dois atuais grupos indígenas remanescentes no estado de Mato Grosso.

Curt Nimuendaju (1987) confeccionou o importante *Mapa Etno-histórico do Brasil e Regiões Adjacentes*, feito em 1944. Relaciona, ainda, as fontes bibliográficas utilizadas para a sua classificação lingüística, listando principalmente as fontes do século XVIII e XIX.

Darcy Ribeiro (1980), em *Kadiwéu*, reúne três estudos resultantes de uma pesquisa de campo realizada junto aos índios Kadiwéu no final da década de 40 e publicados pela primeira vez em 1950 separadamente. O etnólogo enfoca basicamente a mitologia, a religião e a arte desses índios nessa obra. Ribeiro (1974) escreveu outro artigo a partir desse trabalho de campo, a respeito do sistema familiar Kadiwéu, publicado em *Ensaio de Etnologia e Indigenismo*.

O general Raul Silveira de Mello (1959, 1960, 1961) escreveu em quatro volumes a *História do Forte Coimbra*, onde relata, a partir de documentos primários, os inúmeros ataques dos Guaicurú ao forte e suas andanças pela região, além de apresentar um estudo sobre a localização de pontos geográficos mencionados nas crônicas antigas.

De Julian H. Steward e Louis C. Faron (1959), na obra *Native Peoples of South America*, são interessantes os capítulos sobre caçadores nômades da América do Sul, que abordam questões relativas aos grupos do Chaco, especialmente os eqüestres.

Alfred Métraux (1963) escreveu um importante estudo etnológico sobre o Chaco, *Ethnography of the Chaco*, publicado em *Handbook of South America Indians*, que apresenta algumas hipóteses fundamentadas em obras primárias sobre os grupos indígenas que habitaram esta região.

Em Branislava Susnik (s.d. a, s. d. b, 1971, 1972, 1974, 1978, 1981, 1982, 1983, 1986, 1987, 1989, 1990, 1993, 1994, 1995 e 1996), encontra-se a maior produção bibliográfica sobre os grupos indígenas da região do Chaco e no que se refere ao Paraguai. Os trabalhos de Susnik trazem compilações dos dados contidos nas fontes primárias disponíveis, analisando algumas questões como migração e expansão dos diferentes grupos étnicos, as relações interétnicas, as pautas culturais e a cultura material, entre outras.

Roberto Cardoso de Oliveira (1976), em *Do Índio ao Bugre*, que analisa o processo de assimilação dos Terena, faz referências às relações históricas de vassalagem que se estabeleceram entre os Guaná e os Mbayá-Guaicurú.

Inês Caroline Reichert (1991) trata superficialmente, em um artigo, da etno-história chaquenha, em especial os grupos Guaicurú e Payaguá.

Silvia Schmuziger Carvalho (1992) faz uma análise das relações dos Mbayá-Guaicurú e seus vizinhos, explicitando ainda a sua participação na Guerra do Paraguai e um histórico do século XIX aos dias de hoje.

Gilson Rodolfo Martins (1992) faz uma breve descrição dos grupos do Mato Grosso do Sul, trabalho essencialmente de caráter didático e ilustrativo.

Mencionam-se ainda outras obras de menor relevância e de cunho secundário: Virgílio Corrêa Filho (1946), G. A. Colini (1975) e Helmut Schindler (1983). Os seguintes trabalhos possuem ainda rápidas informações sobre o grupo Mbayá-Kadiwéu: Cândido Mariano da Silva Rondon (1948 e 1949 [1900-1906]) e Erich Freundt (1947). Por último, destacam-se as publicações sobre coleções etnográficas. São elas: Pietro

Scotti (1947), Alberto Lehmann e Pietro Scotti (1972), Adelina Pusineri (1989) e *Indios del Brasile* (1993).

Estas são de um modo geral as fontes etno-históricas utilizadas neste trabalho. Com base nestas obras se fará no capítulo seguinte um breve histórico dos Mbayá-Guaicurú a partir das primeiras informações escritas pelos conquistadores espanhóis no século XVI até o século atual, com a situação dos remanescentes, em sua maioria vivendo na Reserva Indígena da Bodoquena, no sul do estado do Mato Grosso do Sul, sob administração da Fundação Nacional do Índio – FUNAI.